



COEB 2014
CONGRESSO DE EDUCAÇÃO BÁSICA
*Educação Integral
e Tempo Integral:
da Educação Infantil
ao Ensino Fundamental*



CADERNOS ESCOLARES E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Caroline Guião Coelho Neubert¹ - PPGE / UFSC

carolneubert@hotmail.com

Luciane Maria Schlindwein² - PPGE / UFSC

lucmas@uol.com.br

Práticas Escolares e Docência

Resumo

Este trabalho tem por objetivo discutir as práticas pedagógicas e os usos dos cadernos escolares no contexto da sala de aula do ensino básico. Partimos de um mapeamento histórico sobre os cadernos escolares e seus usos na escola moderna. Trata-se de um estudo bibliográfico e documental que foi organizado com referência aos estudiosos da educação tais como Herbrard, Chartier, Vinão, Cambi, Boto e Santos. Para sustentar o foco de nossa investigação, elaboramos um mapeamento dos trabalhos publicados sobre a temática, a partir de uma busca nas seguintes bases de dados: CAPES, BDTD, ANPED e SCIELO. Para o levantamento bibliográfico não foi utilizado um recorte temporal, pois em função da escassa produção sobre o tema, todos os trabalhos publicados independentemente da data apresentam contribuições valiosas. Foram utilizados os descritores caderno e caderno escolar (e sua variação no plural). Nossa busca foi refinada com a leitura dos resumos e palavras-chaves, focando nos estudos que abordam a questão dos usos dos cadernos na escola básica, sendo o primeiro trabalho encontrado datado de 1988. Apresentamos aqui uma discussão a partir de trinta estudos analisados, problematizando os usos dos cadernos e suas relações com as práticas pedagógicas dos professores do ensino básico. Nossos estudos indicam que os cadernos, desde sua origem possuem um forte apelo à copia, ao controle e à

¹ Mestre em Educação pela da UFSC, professora da Rede Municipal de Florianópolis.

² Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), professora e pesquisadora do Curso Pedagogia e do Programa de Pós-graduação em Educação da UFSC, bolsista produtividade do CNPq.

disciplinação dos corpos, mesmo quando eram um objeto raro no cotidiano da escola. Nos dias de hoje, ainda que seu uso não seja natural para as crianças, os cadernos constituem-se objetos de uso banal, mantendo, entretanto, seu caráter controlador.

Palavras-chave: Cadernos escolares, Práticas pedagógicas, Sala de aula.

Introdução

O mapeamento das pesquisas

Com o intuito de mapear os estudos já desenvolvidos sobre a temática e contextualizar historicamente a questão problematizada, o levantamento bibliográfico deu-se nas bases de dados da anped, Capes, BDTD, Scielo e busca avançada do Google, onde utilizamos os descritores caderno escolar, cadernos escolares, caderno e cadernos. Optamos por não realizar um recorte temporal durante o levantamento pelo fato de que a falta de opção de descritores (apenas a variação entre plural e singular) e a escassez de pesquisas que abordam diretamente o uso do caderno em sala pelas crianças poderiam deixar de fora pesquisas realizadas em outros anos.

Encontramos uma grande quantidade de pesquisas com estes descritores, pois ainda que existissem poucas variações, inúmeras são as possibilidades de estudo com os cadernos escolares. Por este motivo, optamos por selecionar apenas as pesquisas que apresentassem um dos descritores no título, nas palavras chaves ou no resumo e ainda que abordassem o caderno escolar propriamente dito, e não o estudo através deste para outros assuntos. Entre teses, dissertações e artigos foram encontrados 18 trabalhos, sendo 15 selecionados: duas teses, quatro dissertações, uma monografia, e onze artigos (alguns artigos frutos de teses ou dissertações).

Além dos 18 trabalhos encontrados nas bases de dados citadas anteriormente, localizamos um único livro que aborda diretamente os cadernos escolares, denominado “Cadernos a vista: Escola, Memória e Cultura escrita”, de Ana Chrystina Venâncio Mignot (2008), que reúne 15 estudos sobre a temática dos cadernos escolares. Dos 15 estudos apresentados no livro, alguns são frutos de pesquisas anteriores e outros foram localizados durante o levantamento bibliográfico. O livro apresenta estudos internacionais, como pesquisas da França, Argentina, Espanha e Itália. Após o levantamento bibliográfico, as pesquisas foram lidas na íntegra e protocoladas.

Do surgimento dos cadernos escolares

Para que possamos pensar e discutir o uso dos cadernos nos dias de hoje, precisamos primeiramente recuperar a sua origem e a sua trajetória na história, bem como seus usos e papéis na sociedade.

Caderno tem origem na palavra latina *quaterni*, de *quattuor* e, em sua origem significa folhas de papéis agrupadas protegidas por uma capa; caderno escolar; caderno de rascunho³. Ou seja, os cadernos são objetos constituídos, desde sua origem com uma finalidade escolar, como algo que se insere no cotidiano da escola.. Esta acepção é corroborada por Santos (2002) e Grendel (2009), que o consideram “... como meio para uma produção específica, no caso escolar, mas sempre apreendido na e a partir da sociedade” (GRENDEL, 2009, p.28).

Segundo Mignot (2008), a relação entre ensino e cadernos escolares passou por uma transformação: de objetos escassos entre os alunos, os cadernos passaram a serem materiais corriqueiros na sala de aula. Inicialmente protagonistas, passaram a ser coadjuvantes do ensino. Modificam-se e diversificam-se os tamanhos, formatos e valores, são vendidos na papelaria e até nos mesmo em postos de gasolina. Tornaram-se objetos de consumo e não mais de desejo.

Vale destacar que, Lopes (2008) ao trazer Hèbrard, ressalta que embora a utilização dos cadernos escolares seja universal desde o século XVI, não há fontes documentais exatas que mostrem a história dos cadernos, sendo então vestígios que encontramos na história.

Segundo Hèbrard (2001), algumas congregações cristãs na França recorriam à concepção do estudo da língua escrita para conduzir as crianças à escola e, assim, ao catecismo. Com a alfabetização visa-se não apenas a formação religiosa, mas conjuntamente, prevenir as revoltas camponesas. “Instruindo, a escrita pode erradicar as antigas culturas camponesas e abrir o espaço rural francês para a modernidade e a paz social.” (Hèbrard, 2001, p.116). Santos, V. M. (2002) demonstra que os colégios aparecem no século XVI como um método da igreja católica a fim de agir contra as revoltas protestantes. A concepção pedagogia jesuíta exibiu um método inovador de conduzir e formar sujeitos que, para se interarem à modernidade necessitavam se caracterizar como pessoas letradas, católicas e obedientes.

³ No original em francês e de acordo com o dicionário de etimologia Le Robert Pour Tous (1994, p. 144): "*feuilles de papier assemblées et munies d'une couverture. Cahiers d'écolier, cahier de brouillon*".

O difícil alcance à escrita em função do alto preço do papel fazia com que para que fosse possível a aprendizagem da escrita era preciso tempo e dinheiro. Segundo Hèbrard, é apenas por volta do século XIX, que o ensino da língua escrita ultrapassa os muros das corporações de mestres de escrita e aritmética, nas quais apenas alunos com boa condição financeira faziam parte e alcançam outras instituições.

Todavia, para a difusão da escrita seja possível, são imprescindíveis instrumentos que possibilitam essa aprendizagem que durante anos se deu artesanalmente.

Assim, Santos, V. M. (2002), afirma que no momento em que papiros e pergaminhos deixam de ser utilizados para realização da escrita, surgem os quaternios (cadernos). Esta nova organização das folhas, favorece o transporte e as atividades de leitura e escrita. Os cadernos contribuíram com a pedagogia e a disciplina que surgiam na época, auxiliando inicialmente os colégios jesuítas no século XVI e consecutivamente no século XVII às escolas elementares cristãs. Hèbrard (2001) recupera o *Ratio Studiorum*, uma vez que este documento jesuíta denomina o caderno escolar de “livro branco”. Hèbrard considera o caderno “o testemunho precioso do que pode ter sido e ainda é o trabalho escolar de escrita” (Hèbrard, 2001, p.121).

Segundo Hèbrard (2001), é na metade do século XIX que os cadernos começam a preencher uma enorme fração do tempo e das atividades escolares. Santos, V. M. (2002) considera então que o caderno revela-se como um “precioso e fiel aliado a cimentar regras, produzir e controlar novos comportamentos, estando eles mesmos sujeitos a permanentes ajustes e transformações” (Santos, V. M. 2002, p.26).

Deste modo, Santos, V. M. (2002) declara que é possível perceber a correlação escrita x Caderno x controle do tempo. O caderno “é o mais nítido comprovante ou documento, tanto da frequência quanto da produtividade de cada aluno sobre determinado conteúdo escolar” (Santos, V. M. 2002, p.29).

Santos, V. M. (2002) explica que a mudança do método individual para o método simultâneo está ligada com os cadernos e o surgimento do quadro negro, uma vez que este passa a ser ponto de referencia para direcionar olhares durante as aulas. Segundo a autora, escrita das escolas cristãs representa a imobilidade e o silêncio que este ato sujeitava os escreventes, deixando clara a influência dos cadernos para uma didática centralizada na escrita, produzindo silêncio e trabalho.

Segundo Santos, V. M. (2002), estes materiais prestam-se ao controle e vigilância, pois são capazes de tornar transparente e visível para todos o trabalho dos

alunos e professores. Assim, Santos, V. M. (2002) remete-se a Foucault ao apresentar o caderno como “máquina de observar”, e logo, um instrumento panóptico.

Segundo Santos, V. M. (2002), os cadernos escolares se firmaram no Brasil na passagem do século XIX para o século XX com o surgimento dos grupos escolares.

No século XIX segundo Souza (1998), moralização, civilização e consolidação da ordem social são funções destinadas à escola, sendo a racionalização um princípio primado pelos grupos escolares, de modo que a jornada escolar, intervalos e ritmos; a hierarquia de uma disciplina frente as demais (percebida pelo tempo concedido para cada uma delas) e ainda a noção de repetência foram convenções desta nova organização.

Souza afirma então que em 1890 esta nova organização do ensino começa a ser implantada em São Paulo a fim de racionalizar os custos, controlar os sujeitos e escolarizar a massa. O controle e a disciplina estavam presentes simbolicamente na cultura escolar, indo desde “a arquitetura do edifício, a distribuição dos espaços, [...] as carteiras, os móveis, o controle do tempo, [...] normas e valores relacionados à conduta, ordem, limpeza, asseio, higiene” (SOUZA, 1998, p.58).

Este contexto de modificações no ensino implicou em alterações dos materiais escolares como cadernos, lápis, livros e ardósias, uma vez que, segundo Razzini (2008) estas transformações “[...] obrigam que cada aluno tenha seu próprio material escolar, aumentando consideravelmente a demanda” (p.101). Deste modo Santos, V. M. (2002) aponta que foi no primeiro terço do século XIX que acontece o *boom* dos cadernos escolares na escola primária, embora estes tenham se propagado com a instalação dos grupos escolares na mudança do século XIX para o século XX. O conjunto de modificações no ensino demandou novos materiais, capazes de sustentar a nova metodologia.

Mignot (2008) ao apresentar a história da Casa Cruz, uma das papelarias mais antigas do Rio de Janeiro, demonstra a contribuição deste estabelecimento na transformação da maneira de perceber os cadernos. Segundo a autora, a história da casa Cruz se perpassa pela história da educação, pois o aumento de ingresso de alunos nas escolas contribui para novas demandas industriais e conseqüentemente, aumenta a venda de suportes de escrita. O êxito no mercado dos cadernos escolares explica-se pelo barateamento do papel, e a papelaria por sua vez, firmava-se como um espaço de memória da produção de cadernos no Brasil.

Segundo Mignot, era claro o intuito de universalizar os cadernos, uma vez que eram divulgados em jornais escolares e tais anúncios visavam tornar este suporte da escrita em objeto de desejo pelos estudantes.

Segundo Razzini, este conjunto de transformações na educação acabou por auxiliar no início do uso intensivo dos cadernos. Eis então a colaboração dos Grupos Escolares para com a propagação deste material nas salas de aula.

Os ideais modernos refletiram diretamente nas práticas pedagógicas. Segundo Cambi (1999), a família e a escola consolidam-se como duas instituições educativas que passaram por redefinições e reorganizações na sociedade moderna, pois estas passam a ser centrais na formação dos sujeitos e na reprodução da sociedade moderna. O autor afirma que “as duas instituições chegam a cobrir todo o arco da infância-adolescência como “locais” destinados à formação” (p.204). A escola tem como responsabilidade adequar comportamentos através da didática e da disciplina, regulando os corpos, interiorizando boas maneiras e submetendo os corpos à autodisciplina.

Segundo Boto (2002), o século XVI apresenta a civilidade como programa pedagógico. “A educação moderna é pensada para formar a criança civilizada” (BOTO, 2002, p.56) de modo que para integrar a “boa sociedade”, o indivíduo deve ser polido, agindo conforme os padrões. Havia a grande preocupação de controlar o social pelo individual. Os colégios jesuítas visavam extinguir todo vestígio da espontaneidade infantil. A rotina existente nos colégios acaba com o controle dos ritmos individuais e inicia a regulamentação social do tempo. O método jesuítico fundamentava-se em exposição, repetição, exercícios e disciplina. As escolas configuram-se segundo Boto (2002), “instituições escolares especializadas em produzir adultos” (p.28).

Os cadernos em estudo.

A necessidade de refletir e investigar os cadernos escolares é explicitada em diferentes pesquisas como Grendel (2009); Lopes (2006); Santos (2002,2008); Mignot (2008), Viñao (2008) entre outros, uma vez que estes materiais apresentam-se como objetos naturalizados no contexto escolar, são ricos como fonte documental para a pesquisa em história da educação, história da infância e da cultura escrita e ainda é um tema pouco pesquisado, segundo afirma Grendel (2009) e Santos (2002).

Segundo Santos (2002,2008), Chartier (2002) e Souza (2010), os cadernos escolares encontram-se naturalizados no contexto da sala de aula, sendo isentos de

reflexões e questionamentos, tanto por parte da equipe pedagógica, pelos pais e pelos próprios alunos. Tamanha é a naturalização que o caderno escolar apresenta-se muitas vezes como condição *sine-qua-non* para a entrada e permanência em sala de aula, sendo na maioria das vezes indissociável da ideia de escola e aluno. Segundo Faria (1988), muitas escolas não adotam o livro didático, mas o caderno sempre se faz presente.

Todavia, ainda que os cadernos encontrem-se como objetos que sofreram um processo de naturalização nas práticas escolares, seu uso não é natural para as crianças. Segundo Santos (2002, 2008), para que as crianças consigam utilizar este material, é necessária a aprendizagem de regras, e logo, estas precisam ser ensinadas.

O processo de naturalização sofrido pelos cadernos acaba por esconder o grande potencial destes documentos. Segundo Kirchner (2009), estas fontes valiosas possuem um grande potencial histórico. Mignot (2008) afirma que o caderno, “objeto quase invisível que guarda a memória da educação” (MIGNOT, 2008, p.13), é capaz de falar sobre os alunos, professores, pais, projetos pedagógicos, avaliação, os valores disseminados e todas as relações e práticas que circundam a escola.

Viñao (2008) considera que estes materiais/documentos são aptos para oferecer informações sobre a realidade escolar e as atividades efetuadas na escola. Para Viñao, os cadernos escolares são uma fonte de pesquisa para a pesquisa do ensino, da aprendizagem e da propagação da cultura escrita. Todavia, Ângulo (2008) e Kirchner (2009) ressaltam que os cadernos não são neutros, podendo servir para a propagação de ideologias.

A respeito da propagação de ideologias, o caderno escola apresenta-se como meio para difundir os ideais da modernidade, como mostram Braga (2008), Andrés e Zamora (2008), Ângulo (2008) e Pessanha (2008). Braga (2008) ao apresentar o livro “A escrita na escola primária” de Ormindia Marques, ressalta a aprendizagem da caligrafia para a funcionalidade, bem como a racionalização da escrita pela disciplina corporal. Andrés e Zamora (2008) destacam então a escola como ambiente de criação de bons cidadãos e investimento para o futuro, uma vez que a caligrafia presente nas escolas estava associada a aquisição de valores morais.

Na atualidade, os cadernos escolares aparecem como organizadores do trabalho em sala de aula, sendo o suporte para a execução das atividades, conforme apontam Santos (2002, 2008) e Viñao (2008). “O caderno não é mero suporte físico, pelo contrário é um dispositivo que gera efeitos na dinâmica da sala de aula, através da

interação dos alunos e professores na realização da tarefa escolar.”(PORTO E PERES, 2009).

Ainda que o valor dos cadernos enquanto fontes privilegiadas para a pesquisa seja reconhecido, Santos (2002, 2008), Faria (1988), Oliveira (2008) e Viñao (2008) destacam que o conteúdo a que temos acesso nos cadernos é uma pista, são indícios do ocorrido em sala de aula. Assim, Viñao (2008) ressalta que não podemos julgar possível reconstruir o currículo real a partir dos cadernos, uma vez que este espaço designado ao registro da produção escrita não demonstra o tempo aplicado em cada atividade, tampouco as intervenções orais e os gestos vividos sala de aula.

Os cadernos acabam por exprimir marcas individuais de quem o utiliza. Segundo Oliveira (2008), nos cadernos “descobrimos marcas da singularidade de cada um no uso desse artefato” (p.131). Quando a criança cola figurinhas em seu caderno, quando escolhe os desenhos que ira realizar, ela está inserindo sua marca, suas percepções de mundo. Segundo Grinspun (2008), a partir dos cadernos, podem-se perceber indícios da vida cotidiana em diferentes momentos. “Cada caderno tem o jeito de cada um de nós, de suas preferências e da forma como se tratavam essas preferências” (GRINSPUN, 2008, p. 261).

A partir das afirmações de Grispun (2008) e Oliveira (2008) podemos afirmar que ainda que a maioria das atividades presentes nos cadernos não parta inicialmente do aluno e sejam fruto da ordem do professor, ao se posicionarem frente à este material e imprimirem nele suas marcas, as crianças tornam-se autoras do seu material. Definir o futuro do caderno escolar – se será guardado, descartado ou repassado – também é a expressão de autoria.

Ainda a respeito das inscrições realizadas nos cadernos, aparece a discussão a respeito da autoria dos cadernos, pois, afinal, quem seriam os verdadeiros autores dos cadernos? A discussão sobre a autoria dos cadernos é apresentada por autores como Santos (2002), Faria (1988), Chartier (2002) e Andrés e Zamora (2008). Prestando-se ao controle, o caderno escolar passa a oferecer poucas possibilidades de expressão por parte dos alunos conforme afirma Faria (1988).

Para discutir a questão da autoria dos cadernos, Santos remete-se a Gvirtz (1999) que afirma que embora quase que a totalidade das atividades registradas saiam das mãos do aluno, “o estilo de redação revela claramente a autoria adulta” (SANTOS, 2002, p. 29). Deste modo, a autora considera que o caderno é um material didático que possui autoria múltipla.

Chartier (2002) percebe os cadernos escolares como um dispositivo sem autor. A autora, embasando-se em Foucault, esclarece o termo dispositivo – Segundo Foucault, o termo dispositivo pressupõe uma realidade que mistura “discursos, instituições, agenciamentos arquiteturais, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas, em suma: o dito tanto quanto o não dito.” (CHARTIER, 2002, p.12).

O uso dos cadernos em sala de aula apresenta segundo Santos (2002, 2008), Porto e Peres (2009), Souza (2010), Faria (1988), Viñao (2008), Gvirtz e Larrondo (2008), Fernandes (2008), Braga (2008), Andrés e Zamora (2008) e Ângulo (2008) uma finalidade principal: o controle e a disciplina. Lopes (2006) apresenta a correção das atividades como um meio de controle do professor sobre os alunos.

O caderno presta-se ainda ao controle dos pais e dos diretores e supervisores sobre a professora da sala, dos professores e pais sobre a criança a fim de verificar as atividades desenvolvidas. Além de refletirem na dinâmica da sala de aula, os cadernos tem a função de expor o trabalho escolar para a família e os demais sujeitos que fazem parte da escola.

O capricho e a organização aparecem como valores essenciais para professores e estão incorporados nas falas das crianças, que a todo momento afirmam que o caderno precisa ser caprichado. Faria (1988) afirma que o caderno possui grande valor no processo de avaliação, embora que pela fala das professoras a autora deduza que este objeto não possua significado para elas.

Ainda que o zelo e o capricho sejam valores percebidos como essenciais para professores e alunos, o destino apontado para este material demonstra o contrario. Segundo Faria (1988), Santos (2002, 2008) e Grendel (2009), o destino mais citado para os cadernos escolares utilizados, que não possuem mais folhas em branco é o lixo. Assim, o caderno escolar fica a mercê da sorte.

Quanto à sua utilização, Santos (2002, 2008), Miguel e Mendes (2009), Chartier (2002), Porto e Peres (2009) e Chakur (2000), constataram a predominância das atividades de cópia e de treino sobre as demais, havendo assim uma grande quantidade de “atividade envolvendo cópias do quadro em cadernos de escrita, cópias nas atividades de desenho e atividades semelhantes a um treino para desenvolver a coordenação motora fina, ou seja atividades distantes dos objetivos almejados para o trabalho na infância.” (MIGUEL E MENDES, 2009, p.58).

Considerações finais

A partir da leitura dos 30 trabalhos que estudam o uso dos cadernos enquanto objetos em sala de aula, podemos perceber algumas considerações comuns a todas as pesquisas, como: o caráter disciplinador; o controle; o valor do capricho; o descarte do material após o término das folhas; o processo de naturalização sofrido por este material; o seu potencial para a pesquisa; o predomínio das atividades de cópia; a necessidade de orientação para o uso nas séries iniciais da escolarização; a escassa produção sobre o tema entre outras.

Assim como Lopes (2006), Chartier (2002) e Faria (1988), percebemos que pouco se modificou com relação às práticas com esse material, bem como o seu papel no trabalho escolar. Ainda nos dias atuais, vemos que os ideais que impulsionaram o uso dos cadernos, desde o século XVI até o surgimento da escola moderna continuam vivos até hoje. Fica explícito o predomínio das atividades de cópia sobre as demais, o que faz com que muitas atividades não alcancem um real sentido para o aluno, sendo desvinculadas do contexto.

Cabe a escola e aos educadores buscar métodos que melhor se adaptem a realidade e ao contexto de cada aluno, fazendo de cada ensinamento algo concreto, próximo da criança e prazeroso de ser aprendido. Assim, as crianças se apropriarão mais facilmente dos conteúdos escolares e levarão na memória a escola como um espaço de construção de conhecimento, como algo que somará positivamente para suas vidas e a escrita, como a possibilidade de expressão, expansão de horizontes e de abertura para novas reflexões, indo além do controle e da avaliação e os materiais escolares – e dentre eles, o caderno - atendendo de fato a finalidades pedagógicas.

Referências

ANDRÉS, Maria Del Mar Del Pozo; ZAMORA, Sara Ramos. **Representações da escola e da cultura escolar nos cadernos infantis (Espanha, 1922-1942)**. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio . Cadernos a vista: Escola, Memória e Cultura escrita. Rio de Janeiro: edUERJ, 2008.

ÂNGULO, Kira Mahamud. **O conteúdo emocional de três cadernos escolares do franquismo**. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. Cadernos a vista: Escola, Memória e Cultura escrita. Rio de Janeiro: edUERJ, 2008.

BRAGA, Rosa Maria Souza. **A boa letra tem grande importância: Orminda Marques e as prescrições sobre a escrita.** In: MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio . Cadernos a vista: Escola, Memória e Cultura escrita. Rio de Janeiro: edUERJ, 2008.

BOTO, Carlota. O desencantamento da criança: entre a Renascença e o Século das Luzes. In: FREITAS, Marcos Cezar de e KULHMANN JR, Moysés (orgs). **Os intelectuais na história da Infância.** São Paulo: Cortez, 2002.

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia.** São Paulo: Editora UNESP, 1999.

CHARTIER, Anne-Marie (2002). **Um dispositivo sem autor: cadernos e fichários na escola primária.** Revista Brasileira da História da Educação. Nº 3. P. 9-26.

CHAKUR, Cilene Ribeiro de Sá Leite . **Tarefa escolar: o que dizem os cadernos dos alunos?**. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília, v. 81, n.198, p. 189-208, 2000.

FARIA, Vitória Líbia Barreto. **No caderno da criança o retrato da escola.** Belo Horizonte: PG em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 1988. 258p. (Dissertação de Mestrado).

FERNANDES, Rogério. **Um marco no território da criança: o caderno escolar.** In: MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio . Cadernos a vista: Escola, Memória e Cultura escrita. Rio de Janeiro: edUERJ, 2008.

GREDEL, Marlene Terezinha. **De como a didatização separa a aprendizagem histórica do seu objeto: um estudo a partir da análise de cadernos escolares.** Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Paraná: Curitiba, 2009.

GRINSPUN, Mírian Paura Sabrosa Zippin. **Velhos cadernos, novas emoções.** In: MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. Cadernos a vista: Escola, Memória e Cultura escrita. Rio de Janeiro: edUERJ, 2008.

GVIRTZ, Silvina; LARRONDO, Marina. **Os cadernos de classe como fonte primária de pesquisa: alcances e limites teóricos e metodológicos para a sua abordagem.** In: MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio . Cadernos a vista: Escola, Memória e Cultura escrita. Rio de Janeiro: edUERJ, 2008.

HÉBRARD, J. **Por uma bibliografia material das escritas ordinárias: o espaço gráfico do caderno escolar (França — séculos XIX e XX).** Trad. Laura Hansen. *Revista Brasileira de História da Educação.* Campinas: Autores Associados, n.1, p.115-41, jan./jun. 2001

KIRCHNER, C. A. S. M. . **O caderno de alunos e professores como produto da cultura escolar.** In: V Congresso de Pesquisa e Ensino de História da Educação em Minas Gerais, 2009, Montes Claros. (Re)visitando as Minas e Desvelando os Gerais. Montes Claros: Unimontes, 2009. v. V. p. 1-11

LOPES, Isa Cristina da Rocha. Cadernos escolares: memória e discurso em marcas de correção. Rio de Janeiro: PG em memória social, **Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, 2006.** (Dissertação de mestrado)

LOPES, Isa Cristina da Rocha .**Cadernos escolares: memória e discurso em marcas de correção.** In: MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio . Cadernos a vista: Escola, Memória e Cultura escrita. Rio de Janeiro: edUERJ, 2008

MIGNOT, Ana Chrystina V. **Um objeto quase invisível.** In: MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio . Cadernos a vista: Escola, Memória e Cultura escrita. Rio de Janeiro: edUERJ,2008.

MIGUEL, Marelenuquelem ; MENDES-LUNARDI, Geovana M. **Atividades, cadernos e portfólios: uma análise do currículo e da cultura escolar na Educação Infantil.** 2009. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **Aprendendo com os cadernos escolares: sujeitos, subjetividades e práticas sociais cotidianas na escola.** In: MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio . Cadernos a vista: Escola, Memória e Cultura escrita. Rio de Janeiro: edUERJ, 2008.

PERES, Eliane; PORTO, Gilceane Caetano. **Concepções e práticas de alfabetização: O que revelam cadernos escolares de crianças?** GT10-5894. Ufpel e UNIPAMPA, 2009. Disponível em: www.anped.com.br

PESSANHA, Eurize Caldas. **Entrevendo o currículo: um estudo sobre cadernos escolares de normalistas.** In: MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. Cadernos a vista: Escola, Memória e Cultura escrita. Rio de Janeiro: edUERJ, 2008.

RAZZINI, Maria de Paula Gregório. **Instrumentos de escrita na escola elementar: tecnologias e práticas.** In: MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio . Cadernos a vista: Escola, Memória e Cultura escrita. Rio de Janeiro: edUERJ, 2008

SANTOS, A. A. C. e. **Cadernos escolares na primeira série do ensino fundamental: funções e significados.** Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade de São Paulo, São Paulo,2002.

SANTOS, A. A. C. e. **Cadernos e outros registros escolares da primeira etapa do ensino fundamental: um olhar da psicologia escolar crítica.** Tese (Doutorado em Psicologia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

SANTOS, Anabela Almeida Costa e. **Aprendendo a usar cadernos: um caminho necessário para a inserção na cultura escolar.** In: MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio . Cadernos a vista: Escola, Memória e Cultura escrita. Rio de Janeiro: edUERJ, 2008.

SANTOS, Vera Mendes. O nascimento dos cadernos escolares: um dispositivo de muitas faces. 2002. Dissertação. Mestrado em Educação e Cultura. Universidade do Estado de Santa Catarina.2002.

SOUZA, Rosa F. **Espaço da educação e da civilização: origens dos Grupos Escolares no Brasil.** In: SOUZA, Rosa F.; VALDERMARIN, Vera T.; ALMEIDA, Jane S. O legado educacional do século XIX. Araraquara: UNESP, Faculdade de Ciências e Letras, 1998.

[SOUZA, Mariana Venafre Pereira de.](#) **Lá, na última página do caderno escolar... práticas de letramento 'não autorizadas'**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2010.

VIÑAO, Antonio. **Os Cadernos escolares como fonte histórica: aspectos metodológicos e historiográficos.** In: MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio . Cadernos a vista: Escola, Memória e Cultura escrita. Rio de Janeiro: edUERJ, 2008.